

UMA INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA DO TERREIRO**AN INTRODUCTION TO EDUCATION AND PEDAGOGY OF TERREIRO** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.011-063>**Elder Pereira Ribeiro**

Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Tutor a distância da Licenciatura Interdisciplinar em Artes (LIA)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

E-mail: elderribeiro97@gmail.com

RESUMO

A educação e pedagogia do terreiro é um marco na historiografia/antropologia das práticas culturais/religiosas dos terreiros de Candomblé da Bahia e do Brasil. Visto que reconhece essas práticas como difusoras na produção de uma educação/pedagogia antirracista, pois coloca o terreiro que é um espaço sagrado na produção do conhecimento científico/educacional. Nesse sentido, ela abarca a popularização de saberes ontológicos de matriz africana, que se constitui através da oralidade, dos saberes dos mais velhos e das experiências/vivências no cotidiano do terreiro, contribuindo assim, na formação da identidade afrodescendente ou afro-brasileira e na luta contra o racismo religioso no nosso país. A preservação dos conhecimentos ancestrais é de suma relevância porque reconstrói a memória pautada em exotização e segregação da população negra na diáspora.

Palavras-chave: Educação; Pedagogia; Terreiro.**ABSTRACT**

The education and pedagogy of the terreiro is a milestone in the historiography/anthropology of the cultural/religious practices of Candomblé terreiros in Bahia and Brazil. Its adoption of these practices as disseminators in the production of anti-racist education/pedagogy places the terreiro, a sacred space, in the production of scientific/educational knowledge. In this sense, it encompasses the popularization of ontological knowledge of African origin, which is constituted through orality, the wisdom of elders, and the experiences/experiences of the terreiro daily life, thus contributing to the formation of Afro-descendant or Afro-Brazilian identity and the fight against religious racism in our country. The preservation of ancestral knowledge is of paramount importance because it reconstructs a memory based on the exoticization and segregation of the Black population in the diaspora.

Keywords: Education; Pedagogy; Terreiro.



1 INTRODUÇÃO

Na Educação e Pedagogia do Terreiro, os jovens estão ali produzindo formas e modos de educar e simultaneamente aprender junto a todo o corpo de indivíduos que estão inseridos na religião.

São também esses jovens que podem estender e ampliar a produção de conhecimento da identidade religiosa e cultural candomblecista para outros sujeitos de fora do Terreiro. Estas práticas servem para compreendermos melhor a educação, a história, e as nossas vidas em sociedade. Saliento que, um espaço não formal de educação não segue regras prescritas individualizadas, mas segue caminhos coletivos de formação.

Nela há experiências, vivências e encontros que estão para além da lógica escola formal. Eu diria também que um espaço de educação não formal ensina o que a escola formal não ensina. No espaço de educação não formal, você aprende com a dinâmica da natureza, por exemplo, a natureza nos ensina, a gente vai até ela, e não precisamos ficar somente nos livros para entender o que é a natureza; precisamos senti-lá e não somente entendê-la em livros.

Na Educação e Pedagogia do Terreiro habita os ensinamentos da natureza, da ética, do respeito ao próximo e ao filho de santo. Com isso, aprendemos a respeitar os mais velhos e os mais novos. Respeitamos as folhas, os cânticos, as comidas dos *Orixás*. Respeitamos também a nós mesmos como exemplos dentro e fora do Terreiro. O Terreiro se estende como um espaço de educação não formal, porque o filho de santo aprende com as folhas, com os rios, com o sol, com tudo que percorre no dia a dia do Terreiro, seja de um banho de folhas ou rezas. Há também outros espaços não formais de educação: os movimentos sociais, os grupos de capoeira, o samba de roda, entre outros.

Os modos de conceber a educação e pedagogia do terreiro, tornou-se uma episteme fundamental nas escolas do pensamento antirracista, como também é um espelho para os outros segmentos religiosos e não religiosos. O viver em comunidade, o modo de trabalhar em coletivo, a importância de nos sentirmos como protagonistas da história e as formas de resistência vivida nos Terreiros, são fundamentos importantes para quem quiser aprender cotidianamente a educação e pedagogia do terreiro.

2 A EDUCAÇÃO DO TERREIRO

Os estudos sobre a Educação do Terreiro têm cada vez mais ocupado ambientes acadêmicos. Ele implica na construção de outras perspectivas epistemológicas de educação a exemplo da educação em espaços não formais. O pensador Boaventura de Sousa Santos (2010), diz que um dos maiores desafios da educação na atualidade é reconhecer a educação que é produzida pelos saberes populares e nos espaços não escolares.

Cabe aqui pensar com o educador e pesquisador Carlos Rodrigues Brandão (1982), a educação não pode se limitar ao espaço escolar e aos conhecimentos formais de ensino e aprendizagem. Pois, em toda a



parte do mundo há formas e expressões de conhecimentos que formalizam o que conhecemos como ensino e aprendizagem. No passado, o ensino e aprendizagem na História da Educação no Brasil ficou centralizado nos métodos tradicionais, portanto, distante da história cultural. Com isso, a historiadora Thais Fonseca (2013), evidencia que, devemos pensar a educação indo para além do mundo da escola, porque só assim iremos enfrentar outras dimensões processuais e práticas que educam.

Faz-se necessário nesse diálogo a obra **Pedagogia do Oprimido** do educador Paulo Freire (2011), como uma fonte epistemológica potente e precursora no modelo de uma prática educacional que vai de encontro a todas as formas de opressão na educação. Freire diz que é preciso pensar numa pedagogia em que a opressão e as suas estruturas possam ser objetos de reflexão dos oprimidos. Esta pedagogia desenvolve forças engajadas para termos libertação, e que essa pedagogia que se construa e reconstrua a todo tempo. Levando os oprimidos a “reflexão crítica”, como conceitua os historiadores (Freitas; Oliveira, 2016). Freitas e Oliveira diz que este modo de reflexão leva o sujeito a estudar e enxergar as desigualdades, para que possamos promover a igualdade social. A Educação do Terreiro pauta táticas e instrumentos que possam nos libertar das amarras dos colonizadores.

O historiador Sidney Chalhoub (2010), nos diz que ainda hoje o Brasil vive uma precariedade em sua estrutura de liberdade. Chalhoub chama a atenção de que o Brasil não se libertou totalmente das estruturas coloniais, pois, ainda em pleno século XXI, precisamos construir mecanismos pedagógicos, filosóficos, políticos e sociais, na tentativa de romper com as desigualdades estruturais para com a população negra, a exemplo das comunidades tradicionais: povos de Terreiro, quilombolas, ribeirinhas, entre outros.

Uma das formas de rompimento das desigualdades, penso que sejam as produções científicas produzidas por mãos negras, a exemplo, do *Taata Ria Nkissi*¹ e pesquisador Tássio Ferreira que, em sua tese de doutorado **Pedagogia da circularidade afrocênica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola** (2019), nos mostra que o Terreiro de Candomblé não é um espaço estático, mas é um espaço onde se circulariza a relação do corpo com a ancestralidade.

Assim, o Terreiro é um espaço onde se circularizam os saberes ancestrais. Um espaço onde há a socialização dos conhecimentos que cada iniciado no Candomblé aprendeu aos longos dos anos. O Terreiro tem a sua própria gíngua teórica-metodológica de ser e estar no mundo, mostrando assim a constituição de um “pensamento africano recriado na diáspora”, como na tese **Pele da Cor da Noite** da historiadora e *Iyá Egbé* do *Ilê Axé Opô Afonjá* Vanda Machado (2013, p.21). Na obra, a autora traz o exemplo do Terreiro, como este espaço que recria na diáspora, os modos, ensinamentos, costumes e tradições dos povos negro-africanos.

¹ Sacerdote na nação de Candomblé *congo-angola*.



A Educação do Terreiro se desdobra com potência também na tese de doutorado **Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé** da pesquisadora Stela Guedes Caputo (2012). Caputo mostra o cotidiano de crianças nos Terreiros, e como elas crescem e aprendem em etapas o respeito à sua cultura religiosa. As crianças ao serem inseridas num espaço de escolarização tinham que ocultar a sua fé, pois se sentiam discriminadas pelos seus pares. Ela diz que no início da pesquisa não tinha a noção de que as crianças tinham cargos hierárquicos e que elas os assumiam assim como os adultos no Terreiro.

Em determinados Terreiros, os iniciados carregam consigo os “cadernos de fundamentos” como conceitua a comunicóloga Cristina Nascimento Oliveira (2012, p. 51). Para que façam as anotações dos rituais, principalmente o que se aprende em relação as rezas, cantigas e doutrinas da religião, eles “são como diários pessoais”. Mas, esses cadernos ficam protegidos e somente tem acesso o sacerdote e o iniciado. Assim, também ocorre quando as crianças ocupam cargos hierárquicos, elas anotam cada detalhe do que o seu sacerdote ensinou, para desempenhar o seu papel diante dos seus *Egbomis* (irmãos mais velhos).

De acordo com Caputo (2012, p. 72), “as crianças estão misturadas aos adultos nos terreiros”. Os *Egbomis* por serem adultos estão o tempo todo ao lado das crianças nos Terreiros, seja na hora de cantar, de dançar ou de se comportar perante o sagrado. É assim que eles ensinam as crianças sobre como se concebe a cultura de um povo. Nas palavras do filósofo Emanuel Soares (2008, p. 34), “a cultura é como um espelho da organização social, cabedal de conhecimentos, crenças religiosas, valores intelectuais e morais”.

As presentes categorias analíticas reforçam a ideia de que, no Terreiro, as *Egbomis* estão prontas para falar sobre a vida de quem viveu e vive no *Axé*, e sobre o passado do Candomblé. Na visão do linguista Gustavo Filizola (2019, p.16), “a palavra *Axé*, por exemplo, para os Candomblés de origem Iorubá, carrega a força vital fundamental presente na dinâmica universal”. O *Axé* não morre, ele é vivo no Terreiro e não estático, ordena e controla o tempo e o universo. O tempo e o universo a partir do *Axé* ordenam e controlam a todos nós a partir dos seres criadores e regentes dessa cosmologia: os *Orixás*.

Pensando com Machado em seu clássico artigo **Exu: O Senhor dos Caminhos e das Alegrias** (2010), o Terreiro é um lugar que não é controlado pelo tempo cronológico e pelas hierarquizações cartesianas, pois o mesmo tem formas de aprender, bem como de ensinar. Posto isso, “os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres, como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura” (ibidem, 2010, p.4). Por isso, ouço os meus mais velhos falarem que eles aprenderam olhando, seguindo os passos de quem veio antes e admirando-os em suas práticas laborais no cotidiano do Terreiro.



Essa tarefa rendeu a manutenção do Candomblé, a continuidade do culto aos *Orixás*, e a ocupação intensa (e extensa) em lugares alcançados pelo povo negro. O projeto político pedagógico *Irê Ayó* na Escola Eugênia Ana dos Santos, *do Ilê Axé Opô Afonjá*, construído por Machado (2013), potencializa os espaços escolares num caminho plural de educar, pois pensar numa escola dentro de um Terreiro, requer ouvir as vozes dos alunos, para que todas as atividades educacionais sejam efetivadas de forma conjunta. Para Machado esse trabalho tem como objetivo central reformular a práxis educativa, para que se tenha no espaço escolar, “sujeitos autônomos, coletivos e solidários a partir da cultura local” (ibidem, 2013, p. 21).

O pensamento de Vanda Machado vai ao encontro do que Filizola (2019), considera. Há uma ausência de diálogo nas escolas pensando outras culturas. A escola deve ser um espaço de intercâmbios culturais que pensem junto com os Terreiros de Candomblé, com as comunidades quilombolas, com as comunidades de marisqueiras e pesqueiras etc.

Tendo em vista que as crianças e os jovens constroem um olhar mais sensível em relação a estes espaços de formação, Machado (2013) nos ensina que devemos visibilizar tudo que vivemos numa comunidade a partir de elementos que constituam o ato de convivermos unidos priorizando os valores que estão entre nós, como um modo de vida que impulsiona a dinâmica da “crença do lugar” (ibidem, 2013, p. 22). Para ela, faz sentido a nossa vida estar interligada aos fundamentos do que consideramos como sagrado.

A comunidade que Machado está referindo é a do *Opô Afonjá*, e nela a ação de educar perpassa pela experiência que formará as futuras gerações. A obra *Irê Ayó: uma Epistemologia Afro-Brasileira* (2019), nos permite imergir em uma formação educacional pelos caminhos da cultura afro-brasileira. O livro nos aproxima das nossas heranças identitárias negras e nos faz descolar das epistemologias colonizadoras do conhecimento. Ainda nesta obra, Vanda Machado apresenta as suas vivências com as crianças do Terreiro, trazendo assim, uma outra perspectiva de compreender as crianças como protagonistas na produção do conhecimento.

As nossas heranças e vivências podem também ser lidas, nas palavras da pesquisadora e *Ialorixá* Denise Botelho (2005, p.7), “como práticas simbólicas, portanto educativas, ainda desconhecidas e/ou segregadas podem nos indicar novos caminhos para uma educação inclusiva”. Botelho (2005), ratifica que as práticas rituais e os fundamentos do Candomblé, também podem ser lidos a partir da educação, pois estas práticas ainda não vistas pela totalidade da sociedade apontam novos caminhos para serem inseridas num contexto mais visível.

Essas práticas reforçam a ideia do Terreiro como um espaço inclusivo, até mesmo para as crianças. Filizola (2019), diz que as crianças no Terreiro se percebem numa família, ou melhor, elas se sentem numa família que elas próprias fizeram a escolha. Conforme Machado (2010, p. 9), “a educação das crianças da comunidade *Afonjá* passa por essa experiência vivenciando as possibilidades de compreender o mundo como algo que se move dentro e fora de nós mesmos”. Daí as crianças compreendem o mundo como



movente. Elas realçam o entendimento que dentro e fora de nós há um mundo, tecendo assim, a ideia de que o mundo não está afastado de nós, ele está dentro de nós.

Este entendimento do Terreiro leva a pensar o nosso corpo descendente de africano como um espaço de multi-experiências, leituras e símbolos, portanto, numa dimensão onde “vive-se um mundo africano tradicional onde tudo existe em potência” (ibidem, 2010, p.9). Este corpo é um corpo em potência, e não menos que isso, um corpo-mundo apresenta múltiplas possibilidades para o progresso do projeto de vida. Representando o Terreiro como um espaço diverso, os jovens do Candomblé assumem a sua identidade em momentos distintos, seja quando exercem o seu papel na religião ou como se comportam no espaço sagrado.

Segundo o teórico da cultura Stuart Hall (2006, p. 13), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos”. O sujeito não assume somente uma única identidade, pois é passível de assumir outras identidades que estão ao seu redor. No contexto do Terreiro, os Jovens podem assumir identidades fora deles. Por exemplo, quem ensina o *Iyawô* no *Roncó* (quarto de iniciação) é a *Iyá Gibonã* (mãe criadeira), mas se ela não estiver presente, os jovens iniciados no Candomblé, podem ensinar uma reza, um caminho ou fundamento ao *Iyawô*. Nesse momento quem ensina passa a assumir a identidade dela. E ao assumir esse papel, eles têm o dever de ensinar em potência o que aprendeu com os mais velhos aos seus mais novos.

Os jovens podem ensinar o que a escola tradicional brasileira não ensina e nem põe em seu currículo, como diz Machado (2019). A partir da Lei nº 10.639/2003, devemos resgatar na cosmovisão afro-brasileira a importância do *Orun* (céu) e do *Aiyê* (terra) como elementos constituintes da nossa ancestralidade. Sabemos que a sociedade em si não abraça estes ensinamentos ancestrais, pois “vivemos em uma sociedade que refuta o diferente; o que se afasta da ideia colonizadora de religião de base judaico-cristã, branca e europeia” (ibidem, 2019, p.18).

Botelho (2005), diz que os ensinamentos da Educação nos Terreiros se mostram como uma possibilidade educativa não muito conhecida, mas que corrobora com os avanços das relações étnico raciais ao firmar um compromisso de trazer a real história das identidades africanas e afro-brasileiras. Portanto, amparadas pela lei e pelo DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) e a EREER (Educação para as relações étnico raciais), os ensinamentos construídos por estas identidades na experiência é teorizado em nossas vozes, garantindo vozes que tem o que ensinar e aprender com a vida ancestral.

Machado (2010), diz que a gente aprende no Terreiro um universo amplo de possibilidades para ensinar àqueles que não tem experiência. As pessoas que não têm nenhuma experiência com o Terreiro, sempre perguntam: o que faz *Exu* no Candomblé ou quem é ele? *Exu*, para além de ser um *Orixá*, nos ensina, segundo Soares (2012), a crermos que nele há um eixo pedagógico, ao mesmo tempo, faz com que este eixo constitua conceitos. Este eixo é a sua forma de dançar, de se vestir e se comportar, seja no e para



além do Terreiro, pois *Exu* move o mundo e o mundo se move com ele. Tendo em vista, que esta forma de ensinar (em e com) *Exu* é o pilar do Candomblé, nada se faz sem ele, para tudo no Terreiro é evocado *Exu*.

3 A PEDAGOGIA DO TERREIRO

A Pedagogia do Terreiro traz uma forte importância sociocultural, pois abre espaço para que os iniciados e não-iniciados possam observar, aprender, escutar e ser ouvido através das dinâmicas do Terreiro. O livro **Pedagogia do Terreiro Experiências da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia Escola Caxuté**, nos traz o que diz a sacerdotisa do Candomblé *congo-angola* e pedagoga Maria Balbina dos Santos (2019, p.41), “nossa pedagogia e terreiro se propõe a criar outra forma de nos relacionarmos entre nós e com mundo”.

Esta pedagogia tem como base um projeto epistemológico plural e uma reformulação do olhar positivista da educação brasileira. Ela reforça a necessidade de se trabalhar também com os ensinamentos dos *Caboclos*, ancestrais indígenas que já viveram entre nós e foram silenciados ao longo da história. Contudo, sabemos através do antropólogo Marlon Marcos (2022), que:

a base de religiões como o candomblé se dá pelas ações desses seres afro-ameríndios, com ensinamentos sobre a vida e o comportamento humano, além da importante tarefa de praticar a cura, numa espécie de medicina espiritual que cuida do corpo e da alma de adeptos e clientes que procuram o candomblé para fins curativos (ibidem, 2022, p.19).

Estas ações são educativas na medida em que ensina ao iniciado e não-iniciado no Terreiro, a figura dos *Caboclos* como ancestrais. Elas nos permitem buscar respostas que nos aproximam do viver com a natureza e sabermos cuidar dela para os caminhos da nossa vida. Assim, como o *Caboclo* nos ensina a termos comportamentos de heróis e a não desistirmos dos nossos sonhos, ele acaba nos encorajando diante dos problemas da vida mostrando a necessidade de cuidarmos do corpo e espírito por meio de rezas, cantigas e folhas.

Contudo, buscamos “relacionar à ancestralidade negra e indígena destacando nossas memórias e estratégias como pedagogias que fundam lutas contra o racismo, o preconceito e pela afirmação destes povos” (Santos, 2019, p. 22). Afirmando estes povos, estamos colocando-os “essenciais ao mundo que vivemos” (ibidem, 2019, p.27). O pedagogo e pesquisador Lúcio André Conceição (2006) diz que existem ações nos dão a possibilidade de enxergar que podemos trabalhar em prol da valorização das questões dos negros e indígenas. Além disso, são ações que promovem a desconstrução do imaginário segregador, racista e preconceituoso em torno destes povos originários, que “constituem um modo de educar que se pauta em raízes afro-indígenas, cuja organização confronta-se com modos ocidentais, o que já demonstra a sua relevância” (Santos, 2019, p. 23).



Mostrando a relevância de se trabalhar as perspectivas afro-indígenas na educação, a Pedagogia do Terreiro tem sido mais uma potente proposição no modelo de educação antirracista para os espaços escolares e não formais. E com ela outros modelos também são potentes: a **Pedagoginga**, desenvolvida pelo historiador Allan da Rosa (2013), está direcionada a fortalecer um movimento educacional que trate das questões sociais, reflita sobre uma formação que perpassa a autonomia do sujeito, e sobretudo que esta formação possa dar coragem e sustentação para pensarmos os mínimos detalhes das memórias afro-brasileiras. Para garantirmos o acesso a estas memórias na educação, foi desenvolvido o conceito de **Pretagogia**, termo cunhado pela doutora em educação, Sandra Haydée Petit (2015), que nos traz a possibilidade de construirmos um referencial pedagógico escrito por corpos negros, em especial mulheres negras, que pesquisam e fazem intervenções pedagógicas nos mais variados espaços de construção do conhecimento.

Nesse diálogo, penso que a proposta de educação libertadora em Freire (2011), onde todos se engajam e se formam uns com os outros se alinha ao pensamento de Bel Hooks (2013), onde a educação tem que ser colocada na prática pelo viés da libertação. Para ela, isso sim de fato é o ato de transgredir. É a possibilidade de sair da bolha do conhecimento que foi nos apresentados durante a nossa formação e nos unir para recuperar de volta o “espírito coletivo afro-brasileiro” (Rosa, 2013, p. 21). A recuperação deste espírito nos garante a busca pelos traços culturais negros inseridos na cultura brasileira. O Terreiro de Candomblé é um dos espaços sagrados de matrizes africanas que fundamenta a cultura brasileira. Santos (2019), diz que:

O terreiro torna-se um espaço de memória e valorização de tradições africanas representadas pelos antepassados e que podem ser tomadas para enfrentar à colonização dos saberes e re-lembrar as estratégias de resistência construídas pelo povo negro e indígena no passado e vividas no presente. Assim, temos um ambiente para construir nossa identidade como espaço político (ibidem, 2019, p. 21).

Ensinar para Freire (1996), é propor uma interação dialógica, na qual aluno e professor aprendem conjuntamente em busca de problematizar o que está sendo ensinado. Os povos de Terreiro não ensinam a tradição religiosa distanciado do outro, o outro é tão importante quanto quem está ensinando. O historiador e etnólogo Amadou Hampâté Bá (2010), diz que quando falarmos de tradição no que diz respeito a história africana, devemos nos remeter, antes de tudo, a tradição oral.

A tradição oral nos garante a preservação e a continuidade das nossas tradições religiosas, entendendo que os mais velhos no Terreiro ensinam ao mais novo o que eles aprenderam, mesmo tendo aprendido em um outro tempo e contexto. Eles fazem um esforço para reproduzir toda uma cadeia de aprendizagem sem perder os elementos que conhecemos como “tradições inventadas”, conceito criado pelo historiador Eric Hobsbawm (1997, p. 9).



Hobsbawm ao dizer que nenhuma tradição nova é estabelecida no tempo presente, e que ela é uma alusão do passado nos sugere que toda a nossa vontade de ensinar ao mais novo hoje no Terreiro, não parte do agora, mas é uma vontade que os nossos ancestrais já tinham em mente. As heranças dos conhecimentos africanos são transmitidas no mesmo modo em que falamos no Terreiro, ouvindo um mais velho, numa conversa de boca a ouvido. Segundo a historiadora Isabel Reis (2007), a oralidade permitiu que as famílias negras durante o período pós-abolição se reencontrassem e construíssem a partir de então, o que foi perdido.

Nessa interlocução, a historiadora Edinelia Souza (2013), ratifica que quando reconstruimos as nossas memórias, estamos reconstruindo a nossa própria vida. Souza ainda nos diz que para a reconstrução das memórias faz-se necessário pensar em redes que expressam os nossos sentimentos, aprendizados e trocas simbólicas, “reinventadas a partir de experiências individuais e coletivas que revelam uma cultura” (Souza, 2013, p. 56).



REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BOTELHO, Denise Maria. **Educação e Orixás**: processos educativos no Ilê Axé Mi Agba. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 01 dez. 2022.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: ZERBO, Joseph Ki (org). **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.
- CONCEIÇÃO, Lúcio André Andrade da. **“Ciberaxé”**: Redes Formativas e de Difusão do Conhecimento do Candomblé. Tese de doutorado (Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2019.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. **Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista**. *História Social*, n. 19, p. 33-62, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/315> Acesso em: 5 jul. 2022.
- CONCEIÇÃO, Lúcio André Andrade da. **A Pedagogia do Candomblé**: aprendizagens, ritos e conflitos. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade: Universidade do Estado da Bahia. Dissertação, 2006.
- DIAS, Claudenilson da Silva. **Identidades trans* e vivências em candomblés de Salvador**: entre aceitações e rejeições. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo). Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson; ODARA, Thiffany. Gênero na encruzilhada: Um olhar em torno do debate sobre vivências trans no candomblé. *Revista Periódicos*, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 50–72, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/38132> Acesso em: 06 de jan. 2023.
- FILIZOLA, Gustavo Jaime. **As crianças de candomblé e a escola**: pensando sobre o racismo religioso. 2019. 213 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- FONSECA, T. N. de L. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, T. N. L.; VEIGA, C. G. (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREITAS, I.; OLIVEIRA, M.M.D. Ensino de História e Formação da Consciência Crítica. In: **Entre textos e contextos: caminhos do ensino de História** Curitiba, Ana Heloisa Molina - Carlos Augusto Lima Ferreira (Orgs.), Ed. CRV, 2016.



FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade afrocênica**: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola. 271f. Tese, Doutorado em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **VI ENECULT: encontro de estudos multidisciplinares em cultura**. Salvador – BA, 2010.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

Marcos, Marlon. **Entre o jocoso e o sagrado: cânticos, sotaques e ensinamentos de caboclo em candomblés de Salvador** / Marlon Marcos. – Salvador (BA): Kawo-Kabiesile, 2022.

OLIVEIRA, C. N. de. **Discursos do sagrado**: o uso estratégico da linguagem em práticas do candomblé. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2012.

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **A família negra no tempo da escravidão**: Bahia, 1850-1888. 2007. 305p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Maria Balbina dos. **Pedagogia do Terreiro: Experiências da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia**, Escola Caxuté. Salvador, Editora Kalango, 2019.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação**: imagens, discursos e narrativas. 2008.188f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2008.



SOUZA, E. M. O. História oral, memórias e campesinato negro/mestiço na Bahia pós-abolição. **História Oral**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 55–71, 2013. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/310>. Acesso em: 05 jun. 2022.